

CRÔNICA

Beto Seabra • betoseabra2010@gmail.com



O astrólogo e a fada

O carro do jornal estacionava na porta da garagem da casa dos meus avós invariavelmente perto do meio-dia. Ela recebia o motorista, oferecia água e café, enquanto ele terminava a coluna diária que escrevia para o **Correio Brasileiro**. Quase sempre era assim. Dificilmente o texto já estava pronto quando o mensageiro chegava.

Eu estudava ali perto e ia caminhando até a casa deles para esperar uma carona do meu pai, que geralmente passava na casa dos sogros na hora do almoço. Com isso, eu economizava o dinheiro da passagem — ou um passe, que era como se chamava o tíquete da empresa de ônibus que valia uma viagem. Aquilo poderia valer um sonho de padaria, o que era muito para um garoto daquele tempo.

Eu escutava da sala o bater do meu avô no escritório, trabalhando freneticamente na máquina de escrever. Como ele datilografava rápido! E usava apenas os dois dedos indicadores, como fazem, até hoje, alguns jornalistas das antigas.

Eu treinava para escrever rápido também, sem saber que um dia seria jornalista. Naquela época, meu sonho era ser agrônomo e mexer com grandes plantações. Gostava muito do *Atlas Geográfico* do IBGE e, por ele, passava imaginando ver o Brasil como líder mundial na produção de alimentos. Mistura de ingenuidade e ufanismo adolescentes.

Depois, passei no vestibular para geografia, por influência de um tio professor, e desisti da agronomia. Novamente por influência, dessa vez do meu avô, no meio do curso troquei os estudos da ciência de Milton Santos — disciplina que até hoje me atrai — pelo jornalismo.

Mas voltando à casa dos meus avós. Eu me lembro do momento em que ele puxava a lauda de sua Remington (ou seria Olivetti? Acho que era uma Remington), relia o texto e, ali mesmo, em cima da perna, fazia alguma correção à caneta. Estava pronto mais um horóscopo do dia!

É que, além de jornalista talentoso, meu avô era astrólogo. E dos melhores. Misto de mago, psicólogo e intelectual sem formação universitária, aprendeu lendo e, antes disso, nos estudos clássicos no seminário onde ficou interno. A família o queria padre; virou comunista. Mas, antes de entrar para o Partido, casou-se com minha avó Madalena e tiveram 10 filhos. Depois, vieram dezenas de netos e bisnetos.



Minha avó era uma espécie de fada assessora do bruxo, e que usava seus artifícios para entreter o motorista do Correio para que ele estendesse por mais alguns minutos o deadline do meu avô. E, assim que terminava a coluna, lá vinha ele arrastando as chinelas, com um sorriso maroto e as laudas dobradas na mão. Cumprimentava o mensageiro, perguntava se não queria ficar para o almoço — convite ao qual o outro respondia sempre que só faltava a coluna dele para fechar o caderno e mandar para a gráfica. Os dois riam e era assim, pois

ainda não existia fax e muito menos internet.

Horóscopo pronto e a caminho do jornal — para a felicidade dos aficionados que, no dia seguinte, só sairiam de casa depois de lerem a coluna do Geraldo Seabra. Almoço na mesa, e eu curioso para saber o que ele havia escrito sobre os nascidos sob o signo de sagitário, pois nem sempre ele se lembrava de usar papel-carbono para ter uma cópia de segurança. No dia seguinte, eu saberia o que os astros me reservavam ao ler o **Correio Brasileiro** de ponta a ponta, como fazia todos os dias, na casa dos meus avós.